

Fernando Pessoa

[Carta ao director de O Notícias Ilustrado]

Ex.mo Senhor Director de «O Notícias Ilustrado»

Acabo de ler o último número do magnífico «magazine» que V. Exa tão proficientemente dirige. E, com pasmo, vejo em certa altura umas gravuras referentes ao «conto do vigário», acompanhadas duma dissertação com ares de erudita sobre a origem do mesmo.

Li a dissertação, analisei as gravuras — e quedei-me absorto pelo espanto!

Pois quê? É lá possível que uma publicação, com a categoria de «O Notícias Ilustrado», venha lançar aos quatro ventos da publicidade uma historieta sem pés nem cabeça, impingindo-a aos seus leitores como a origem do celeberrimo conto que tantos papalvos tem levado no embrulho e tanto vigarista tem guindado às mais altas e rútilas esferas da Fama? E, perante esta desconsoladora certeza, senti o rubor subir-me às faces e uma raiva surda cachoar dentro do peito. . . É que nem uma só das gravuras publicadas está certa, nem uma só das legendas que as acompanham é a reprodução da verdade. Aquilo que em «O Notícias Ilustrado» se vê e lê, é vigário. . . sem «conto», vigário grotesco, sem *fila*, sem *grupo*, sem *baratim*. . .

Perdoe-me V. Exa a rudeza destas expressões, mas é assim mesmo. Vigarista de profissão, no que tenho muita honra, há uns bons vinte anos que não faço outra coisa do que *afanar otários* e, felizmente, para glória minha e da prestimosa classe a que pertenço, sou consumado artista no *metier*. . . Nunca, em tempo algum, os vigaristas usaram bóinas de apache ou se encostaram, como vadios sem eira nem beira, à estátua de D. José, na risonha e deliciosa esperança de, por essa forma, *filarem os bichanços* que desembarcam no Terreiro do Paço. Se assim fora, bastaria uma batida da polícia pelo local para os vigaristas irem todos em *cana*. . . que e como quem diz: irem todos malhar com os ossos à cadeia. . .

Não, sr. Director! Os vigaristas são homens de linha — tanto assim que a leitura de «O Notícias Ilustrado» lhes é familiar — e sabem trajar como *dandys* e apresentar-se como aristocratas. . . O «conto do vigário» é bem diferente do que apresentam as vossas gravuras e isso de notas falsas, pagamentos com notas de cem como se fossem de cinquenta, passamento de recibos e mais lérias, pode ser tudo menos «conto do vigário» e nenhuma relação tem com a sua

pretendida origem. No «conto do vigário» — tirante os pobres, porque esses não têm dinheiro para cair — tem caído gente de todas as classes sociais — médicos, lavradores, advogados, padres e juizes, representando garbosamente o clero, a nobreza e o povo... Até agentes da *pasma* têm levado com o *paco* pelos *crachos* — e está bem de ver que a história da corrente de latão fingindo ouro, sobre ser de mínima importância para produzir dinheiro de monta, é demasiadamente ingénua para *levar à certa* personagens de tão alto coturno mental...

Por tudo isto que lhe exponho, sr. Director, fácil é concluir o profundo desgosto que o último número de «O Notícias Ilustrado» me causou. Desgosto duplamente supliciante pela injustiça com que os vigaristas ali são focados e porque tanta inexactidão junta não abona, antes destrói, os legítimos créditos que o dito semanário tão brilhantemente tem sabido conquistar entre o escol intelectual da nossa Terra. O documentário gráfico reproduzido pelo «O Notícias Ilustrado» é, sem blague, uma grave ofensa feita à mentalidade cultíssima e ilustradíssima dos vigaristas, um insulto lançado às faces desses obscuros mas valorosos pioneiros do progresso — tão valorosos que num país de ladrões só roubam a quem os quer roubar e numa terra de cegos obrigam os labregos a abrir os olhos, impedindo-os assim de enriquecer por meios considerados ilícitos e puníveis pelo Código Penal...

Acredite, sr. Director, tudo o que «O Notícias Ilustrado» deu à estampa sobre a matéria está falho de senso e de lógica, nenhum serviço podendo prestar aos seus leitores. Por haver uma tão errada noção do «conto do vigário», é que todos caem nele como uns patinhos... Até V. Exa entrava com uns *pintores* para o primeiro que o achacasse, com essas falsas interpretações que lhe dá...

Vou terminar, sr. Director. Mas antes, permita-me que lhe dê a minha palavra de honra de que falo verdade. E se, porventura, V. Exa quiser ter a prova provada, nítida, insofismável, de que não minto, é questão de entrar num acordo com a minha preclaríssima pessoa. V. Exa arranja o *otário*, *fila-o* como um vigarista que se presa, eu *entro de grupo*, manejo o *paco*, *baratino-o*... e fica feita a nossa independência para toda a vida. Tudo isto é feito num abrir e fechar de olhos, ponto é que o *otário* seja *bacano* e tenha *grana*, podendo entrar, pelo menos, com oitocentos ou mil *pacotes*...

Sem outro assunto, creia-me:

Attº Vº Obg.mo

Um vigarista

s. d.

Pessoa Inédito. Fernando Pessoa. (Orientação, coordenação e prefácio de Teresa Rita Lopes). Lisboa: Livros Horizonte, 1993: 115.

«A Origem do Conto do Vigário», de Fernando Pessoa, foi publicado em O Notícias Ilustrado em 18-8-1929.